

Uma trajetória de grande valor em prol do saneamento ambiental



Ao longo de uma trajetória profissional de pouco mais de meio século, Aristides Almeida Rocha – pesquisador da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (FSP/USP) e consultor – contribuiu em larga escala em análises e trabalhos sobre saneamento ambiental. Em sua carreira, o especialista atuou como consultor e assessor de órgãos internacionais como Organização Pan-americana e Mundial da Saúde (OPS/OMS), Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (UNIDO) e de outras entidades nacionais. Ele possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo (1966), mestrado (1972), e doutorado (1976) em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (USP).

Aristides Rocha é carioca nascido em 1936, mas vive em São Paulo desde os 5 meses de idade e sempre se considerou paulista e paulistano. O reconhecimento oficial aconteceu em agosto de 2013, quando foi agraciado pela Câmara Municipal de São Paulo, com o título de Cidadão Paulistano pelos serviços prestados à cidade de São Paulo. “Essa foi uma das maiores honras de minha vida”, diz.

Em entrevista à REVISTA ENGENHARIA, Rocha lembrou que sua primeira missão para a OPS/OMS ocorreu no Rio Bogotá, na Colômbia, em 1972, e esta consistiu na implantação de um programa de monitoramento da qualidade sanitária e ecológica do rio, com a demarcação de 26 pontos de amostragem colhendo materiais para determinação de indicadores biológicos por meio da identificação ao microscópio e lupa de algas, organismos de fundo – ou seja, organismos bentônicos, como protozoários.

“Tal trabalho representou um empreendimento difícil devido à precariedade dos recursos disponíveis e falta de laboratório, o que me obrigou a fazer improvisações. Contudo, os pioneiros e inéditos resultados obtidos foram, durante sete anos, os únicos que serviram para a base de trabalhos posteriores. Voltei a trabalhar na Colômbia, em Cali, nas bacias dos rios Madalena e Cauca, também implantando programas de monitoramento hidrobiológico e treinamento de pessoal, ministrando cursos sobre limnologia sanitária.”

Rocha relata que, trabalhando também para o BID e UNIDO, esteve em Guayaquil e Quito (no Equador) e em várias cidades do Peru, realizando trabalhos de inspeção de instalações de tratamento de água e esgotos e verificando o passivo ambiental do entorno. “Nessas condições percorri por três vezes a região andina tendo tido a oportunidade de fazer a colheita de fósseis marinhos a cerca de 4 000 metros de altitude. A experiência adquirida em contato com populações de pequenas comunidades e de realidades diversas me permitiu verificar que todos os povos resolvem seus problemas de variadas maneiras e que, portanto, todas as culturas são igualmente válidas”.

No Brasil, Aristides Rocha trabalhou em praticamente todos os estados e também percorreu a maioria dos biomas (Flores-

ta Amazônica, Mata Atlântica, BIOL. ARISTIDES ALMEIDA ROCHA Cerrado, Pantanal e Mata dos Cocais, entre outros) assim como os principais rios das bacias hidrográficas do país. “Lembro-me de um trabalho de levantamento nas áreas que seriam inundadas para a construção dos Açudes do Pacoti e Riachão, no Ceará. Na época não se dispunha de recursos como o sistema de satélite, nem de GPS. E eu, munido com um precário mapa, viajei quilômetro a quilômetro fazendo o levantamento cartográfico do tipo de vegetação para efetuar um posterior cálculo visando determinar a influência da qualidade da água quanto ao fornecimento de nutrientes responsáveis pela eutrofização – isto é, acúmulo de nutrientes minerais devido à decomposição da vegetação que permaneceria submersa.”

De outra feita trabalhando para a Secretaria do Meio Ambiente de Mato Grosso, com reduzida equipe, Rocha viajou também sem dispor de maiores recursos, mapeando os rios e riachos do estado. “A viagem culminou com a necessidade de se dormir às margens do Rio Xingu, em plena reserva indígena do Alto Xingu, uma experiência maravilhosa para um biólogo sanitário”, conta, acrescentando que em programas de monitoramento percorreu um sem número de vezes o Rio Tietê desde a cabeceira até a foz, incluindo trechos que seriam represados. “Fundamentalmente, todas essas missões se constituíram em trabalhos de campo e posterior análise de amostras em laboratório, além de incluírem aulas e palestras, treinamento e capacitação no âmbito da hidrobiologia sanitária, preservação ambiental e saúde pública.”

Na Faculdade de Saúde Pública da USP, em mais de 30 anos Rocha teve a oportunidade de exercer a docência e de, como orientador do programa de pós-graduação, ter formado 180 mestres e doutores em Saúde Pública e Meio Ambiente. Quando recebeu o título de Cidadão Paulistano, Aristides Rocha descreveu, entre os principais trabalhos realizados na Grande São Paulo, sua intensa participação na implantação da Cetesb em 1968, como seu primeiro biólogo contratado, concorrendo para que o órgão se tornasse rapidamente um dos sete laboratórios do mundo credenciados como referência da OMS.

Aristides Rocha participou ativamente também dos trabalhos do Instituto Samuel Murgel Branco (ISMB). “O nome da instituição homenageia meu saudoso professor, orientador e amigo com o qual trabalhei por cerca de 40 anos, participando, inclusive, da revisão de vários livros de sua vasta obra em projetos de reedição, além de assessorar projetos de pesquisa na área ambiental e de ensino de ecologia e preservação ambiental, como, por exemplo, no Parque Villa-Lobos”, explica, informando ainda que um desses projetos refere-se à reedição do primeiro livro que ele publicou em coautoria com Samuel Murgel Branco em 1977, *Poluição, Proteção e Usos Múltiplos de Represas*. Ainda em coautoria com o professor Samuel, Rocha publicou também: *Elementos de Ecologia e Educação Ambiental* e o volume *Saúde Pública: Bases Conceituais*. Outros livros de autoria isolada de Aristides Rocha: *Do Lendário Anhembi ao Poluído Tietê* (1991); *Fatos Históricos do Saneamento* (1997) e *Histórias do Saneamento* (2016). 